

### **Fragmento 3**

#### **No princípio era a angústia**

Embora a angústia pareça uma situação episódica, onde a razão ou o pensamento se paralisam e o corpo é tomado por algo que é mais que medo, ela é estruturante. Do início ao fim, Lacan a situa como vindo do real. Primeiro como efeito da “entrada do sujeito no Real <sup>1</sup>”, corte do simbólico sobre o real, cujo efeito é “o ser puro do sujeito <sup>2</sup>”. Uma entrada por destituição subjetiva na constituição. Ao final de sua obra, ele a situa no nó borromeano como um deslocamento do real sobre o simbólico <sup>3</sup>, assim como um dos nomes do pai <sup>4</sup>.

O estruturante da angústia é que ela “... se produz como um sinal no eu sob o fundamento do desamparo (*Hilflosigkeit*), ao qual é chamada, como sinal a remediar <sup>5</sup>”. Respostas, sempre insuficientes, são a fantasia, que oferece um falso ser e, os sintomas, sejam eles pensados como objeção à ordem imposta pelos discursos, seja como solução à falta de relação sexual, seja como gozo dos traços unários. São estas respostas às quais aponta a psicanálise no nível da verdade e do dizer verdadeiro dos uns de gozo do inconsciente real. É isto o que marca a via ética da análise, não somente por atravessar o horror de saber, mas porque permite tomar posição frente ao que é mais estrutural e estruturante.

Se o final de análise implica um passo pela destituição subjetiva, via o saber, é inevitável um tempo de angústia que implica um esforço a mais por parte do analisante e, do lado do analista, não ceder de seu lugar. O trabalho com o moinho das palavras permitirá reconhecer-se aí, saber-se constituído por essa matéria angustiante. O dispositivo permite uma saída, faz a angústia falar.

Um dispositivo sempre aberto à possibilidade de sua iminência, posto que o real é infindável. Assim, a angústia é um afeto que, entre outros, não engana sobre o final de uma análise, é sinal da aproximação desse real inominável, após as voltas ditas da verdade mentirosa; não é o último, mas, sim, índice do caminho para a porta de saída, o que implica o passo necessário pela destituição subjetiva à qual a mesma linguagem o submeteu, mas desta vez pela via do saber que, necessariamente, tem efeitos na redução da angústia.

Pode-se poetizar a angústia, tal como em Werther: “Não reconheces a voz da criatura extenuada, desfalecida, que afunda sem remédio...?”, mas cabe aos analistas dar-lhe o estatuto estruturante que lhe corresponde, se pretendem captá-la em seus pacientes, quando o percurso a faz surgir ou quando se encontra na entrada por um advento do real.

**Beatriz Elena Maya R.**

*Tradução:* Ingrid Porto de Figueiredo

---

<sup>1</sup> Lacan, J. Observações sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade. In: Escritos

<sup>2</sup> Lacan, J. Seminário 6 O desejo e sua interpretação

<sup>3</sup> Laca, J. Seminário 22 RSI. Lição de 10 de dezembro de 1974, inédito

<sup>4</sup> Ibid, Lição de 13 de maio de 1975

<sup>5</sup> Lacan, J. Seminário 6 O desejo e sua interpretação